



CAIXA PEDAGÓGICA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PRÁTICAS PARA A APRENDIZAGEM DE UM ESTUDANTE COM TEA E TDAH NOS ANOS INICIAIS

Italo Antônio Amaral de Brito¹
Luciana Larissa Gama de Oliveira²

RESUMO

O estudo analisa a implementação da caixa pedagógica como estratégia de inclusão para um estudante com diagnóstico de TEA e TDAH nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo foi mitigar comportamentos de esquiva e desatenção, promovendo o engajamento em atividades adaptadas na sala comum. A problemática reside na dualidade neurobiológica do estudante, que demanda a previsibilidade e rotina típicas do autismo, ao mesmo tempo em que lida com a busca por novidades e a desatenção características do TDAH. A metodologia utilizada adotou uma abordagem qualitativa e experimental, fundamentada em documentos e bibliografia de autores como Skinner, Vygotsky, Mantoan e Bossa. A ferramenta foi desenvolvida pela professora da educação especial e mediada pelo Profissional de Apoio Escolar (PAE), funcionando como um organizador sensorial e atencional. Os resultados indicam que a caixa pedagógica se tornará um reforçador positivo e um dispositivo de antecipação, reduzindo crises de ansiedade e aumentando a segurança emocional do estudante. Ao integrar o lúdico e o concreto, o recurso facilita a organização das funções executivas e transforma a curiosidade em engajamento produtivo. Concluímos que a eficácia da estratégia depende da articulação colaborativa entre os profissionais da educação e da constante adaptação do material às singularidades do sujeito. A caixa pedagógica configura-se, portanto, como uma ferramenta essencial de acessibilidade curricular, garantindo ao estudante o direito de aprender e pertencer ao coletivo escolar, convertendo barreiras de exclusão em oportunidades de desenvolvimento pleno.

Palavras-chave: Mediação Pedagógica; Recurso Pedagógico; Prática Pedagógica Inclusiva; Acessibilidade Curricular; Trabalho Colaborativo.

INTRODUÇÃO

A Educação Inclusiva ultrapassa a dimensão meramente normativa, configurando-se como um paradigma ético-político comprometido com a superação das barreiras à aprendizagem e à participação escolar. Nessa perspectiva, a Educação Especial deixa de ocupar um lugar segregado para assumir um caráter transversal, integrando-se de forma articulada a

¹ Profissional de Apoio Escolar na EAUFGPA, Pós-Graduado em ABA – Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo, Graduado em Pedagogia. Email: brito.italo09@gmail.com

² Professora da Educação Especial, Escola de Aplicação da UFPA (EAUFGPA). Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEPA/PPGEECA). Pós-graduanda em Educação Especial com ênfase no atendimento Educacional Especializado (FIBRA). Licenciada em Ciências Naturais com Habilitação em Biologia (UEPA/CCSE). Email: lucianagama@ufpa.br

todas as etapas e modalidades da educação básica, com vistas à garantia do direito à aprendizagem e ao pertencimento de todos os estudantes no ensino comum (Brasil, 2008).

Enquanto o Autismo diz respeito, principalmente, à forma como a pessoa se conecta com os outros e processa o mundo ao seu redor, envolvendo dificuldades na comunicação social e a busca por rotinas repetitivas, o TDAH funciona de outro jeito. No TDAH, o desafio maior está na central de comando do cérebro, persistindo a dificuldade em focar, organizar as tarefas cotidianas e segurar o impulso de agir, muitas vezes acompanhada de uma agitação constante (APA, 2023).

A criança que apresenta transtornos simultaneamente gera um desafio pedagógico maior, o estudante precisa de previsibilidade e rotina devido ao TEA, mas mantém uma luta constante contra o tédio e a busca por novidades característico do TDAH. A utilização de recursos lúdicos, direcionantes e estruturados, como a caixa pedagógica, representa uma estratégia fundamental para a mediação do aprendizado desses estudantes.

No contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental, essa ferramenta foi implementada para se tornar um possível suporte concreto que auxilia na organização do pensamento e na regulação sensorial e atencional nos momentos da realização de atividades. A prática pedagógica inclusiva, sob esta ótica, não busca apenas a permanência do estudante em sala, mas a garantia de seu desenvolvimento cognitivo e socioafetivo através de materiais que respeitem seu ritmo e suas particularidades neurobiológicas.

Como bem observou o autor clássico Skinner (2003), o ambiente exerce um controle fundamental sobre o comportamento. Na educação inclusiva, a caixa pedagógica atua, dentro do ambiente, como um "reforçador positivo" direcionado ao TDAH e um organizador e antecipador de estímulos, ajudando o estudante a focar na tarefa e reduzindo comportamentos de esquivas de direcionamentos das atividades propostas, pelo professor de sala base e o profissional de Apoio que o acompanha.

No entanto, para que essa caixa não seja um instrumento isolado, ela foi inserida na lógica da mediação, conforme proposto por Vygotsky (2007). Enquanto Skinner nos ajuda a entender como o material pode modelar a atenção e a persistência por meio de contingências de reforço, Vygotsky (2007) nos lembra que é o professor quem dá sentido social a esse objeto. A utilização da caixa pedagógica articula-se tanto a perspectivas comportamentais, ao atuar como reforçador positivo e organizador ambiental, quanto a concepções socioculturais, ao se constituir como um instrumento mediador que ganha sentido nas interações estabelecidas entre estudante, professores e profissional de apoio.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a implementação da caixa pedagógica como estratégia de mediação pedagógica no processo de inclusão de um estudante com diagnóstico de TEA e TDAH nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como objetivos específicos, busca-se: (i) compreender de que maneira o recurso contribui para a redução de comportamentos de esquiva e desatenção; (ii) analisar os impactos da caixa pedagógica na regulação emocional, sensorial e atencional do estudante; e (iii) refletir sobre a importância da articulação colaborativa entre a professora da educação especial, o professor da sala comum e o Profissional de Apoio Escolar na efetivação de práticas pedagógicas colaborativas e inclusivas.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, com delineamento de natureza experimental no contexto educacional, desenvolvida a partir da observação sistemática da utilização da caixa pedagógica no cotidiano escolar de um estudante dos anos iniciais do Ensino Fundamental com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A investigação ocorreu

no ambiente da sala comum de uma escola pública, considerando as interações pedagógicas e os comportamentos manifestados pelo estudante diante das atividades adaptadas propostas.

A opção pela abordagem qualitativa justifica-se por possibilitar a compreensão aprofundada dos fenômenos educacionais em seus contextos naturais, priorizando a interpretação dos significados atribuídos às práticas pedagógicas e às respostas comportamentais do estudante, conforme preconiza Minayo (2012). Nesse sentido, a pesquisa buscou analisar como a introdução de um recurso pedagógico estruturado pode influenciar os processos de engajamento, atenção e regulação emocional no contexto da educação inclusiva.

Do ponto de vista metodológico, o estudo assumiu caráter experimental ao promover a inserção intencional da caixa pedagógica como variável de intervenção no ambiente escolar, permitindo observar as transformações diretas e indiretas no comportamento do estudante frente às demandas acadêmicas. Essa perspectiva dialoga com Gil (2022), ao compreender a pesquisa experimental no campo educacional como um meio de testar estratégias pedagógicas e analisar seus efeitos sobre o envolvimento e a participação dos sujeitos.

A produção e a análise dos dados fundamentaram-se em registros de observação do cotidiano escolar, documentos pedagógicos e referenciais bibliográficos pertinentes à Educação Inclusiva, à Educação Especial e às teorias da aprendizagem e do comportamento. A análise do ambiente educacional, conforme proposto por Ludke e André (2018), possibilitou identificar como as situações de ensino, as mediações realizadas pelos profissionais e a organização do espaço pedagógico interferem nos comportamentos de esquivas e no engajamento do estudante.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu compreender a caixa pedagógica como um recurso didático adaptado, capaz de mediar processos de aprendizagem e de reorganização comportamental, respeitando as singularidades do estudante e contribuindo para a efetivação de práticas pedagógicas inclusivas e colaborativas no ensino comum.

DISCUSSÕES

A implementação da caixa pedagógica emergiu da necessidade de promover o engajamento do estudante na realização das atividades adaptadas propostas em sala comum, diante da recorrência de comportamentos de esquivas que passaram a comprometer a rotina educacional até então estabelecida. Essas esquivas revelaram-se como um obstáculo significativo à participação do estudante nas atividades pedagógicas, exigindo a adoção de estratégias que favorecessem a reorganização do ambiente e a mediação do comportamento no contexto inclusivo.

A proposição e a elaboração da caixa pedagógica foram realizadas pela professora da Educação Especial, responsável pelo atendimento educacional especializado (AEE) que atua na modalidade transversal em contraturno e colaborativo, a partir da seleção de materiais que dialogassem com os interesses e as necessidades do estudante. A mediação cotidiana do recurso ficou sob responsabilidade do Profissional de Apoio Escolar (PAE), que acompanha o estudante de forma integral durante o período letivo, das 7h30 às 12h, em articulação permanente com o professor da sala base, responsável pelo acompanhamento do estudante na maior parte dos componentes curriculares. Essa atuação conjunta evidencia o caráter colaborativo da intervenção, elemento central para a efetividade das práticas pedagógicas inclusivas.

No âmbito teórico, Gomes (2016) destaca que a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), quando utilizada no contexto escolar, deve assumir um caráter humanizado e funcional. Nessa perspectiva, a caixa pedagógica apresenta tarefas claramente sinalizadas e organizadas, respeitando o tempo de engajamento do estudante e favorecendo a previsibilidade das ações. Essa organização é corroborada por Maia (2021), ao afirmar que a estruturação e a previsibilidade ambiental constituem estratégias fundamentais para a redução da hiperatividade e da desatenção, especialmente em estudantes com TEA e TDAH.

Ao conhecer previamente os materiais que compõem a caixa pedagógica e compreender o objetivo de cada item, o estudante passa a experimentar maior segurança emocional, fator que contribui para a diminuição das crises de esquivas e para a ampliação do repertório de comportamentos academicamente produtivos. A previsibilidade proporcionada pelo recurso atua como um elemento regulador, auxiliando o estudante a manter-se na atividade e a lidar de forma mais organizada com as demandas pedagógicas.

A utilização da caixa pedagógica teve início nas semanas finais do período letivo, momento em que múltiplos gatilhos ambientais, internos e externos, passaram a interferir no foco do estudante e a intensificar os comportamentos de esquivas frente às propostas do professor da sala base e do PAE. Nesse contexto, mesmo os incentivos dos colegas mostraram-se insuficientes para promover o engajamento, evidenciando a necessidade de uma intervenção mais estruturada e mediada.

O trabalho colaborativo entre o PAE, a professora da educação especial e o professor da sala base foi marcado por reuniões frequentes, trocas de informações e observações em sala de aula, realizadas pela professora da educação especial com o objetivo de compreender de forma mais aprofundada os comportamentos apresentados pelo estudante e de redefinir estratégias que favorecessem o desenvolvimento de suas potencialidades. Essa articulação permitiu ajustes contínuos no uso da caixa pedagógica e no manejo das situações pedagógicas vivenciadas pelo estudante.

No cotidiano da sala de aula, o PAE conduzia a caixa pedagógica até o estudante, estimulando inicialmente sua curiosidade por meio da exploração dos objetos que a compunham. A organização do espaço e o respeito ao tempo de exploração antecederam a intervenção pedagógica propriamente dita, garantindo que o estudante se sentisse confortável e disponível para, posteriormente, realizar as atividades mediadas pelo PAE em consonância com as propostas do professor da sala base.

A integração entre manejo comportamental e prática pedagógica requer, conforme defende Mantoan (2015), uma revisão da postura docente, na qual não se busca “adestrar” o estudante, mas transformar a estrutura pedagógica para que o comportamento encontre caminhos legítimos de expressão e aprendizagem. Nessa lógica, a caixa pedagógica configura-se como uma ferramenta de acessibilidade curricular, em que o reforço não se restringe a recompensas externas, mas se materializa na satisfação do estudante ao perceber-se capaz de realizar atividades de forma autônoma, superando barreiras historicamente impostas pela exclusão escolar.

Maia (2021) ressalta a importância da adaptação curricular e do uso de recursos específicos para estudantes com TEA e TDAH, destacando que a previsibilidade e a estruturação visual são fundamentais para a redução da ansiedade e do foco disperso. Complementarmente, Cunha (2017) enfatiza que a mediação pedagógica no autismo deve estabelecer pontes entre os interesses da criança e os conteúdos escolares. Nesse sentido, a personalização da caixa pedagógica, com materiais que dialogam com o repertório do estudante, consolida-se como uma ponte ética e pedagógica de inclusão.

A eficácia da caixa pedagógica também se sustenta na concepção de escola defendida por Mantoan (2015), que compreende a diferenciação pedagógica não como exceção, mas como princípio estruturante da prática educativa. A atuação conjunta da professora da Educação Especial, do professor da sala base e do PAE rompe com modelos homogeneizadores de ensino e reconhece a singularidade do estudante como ponto de partida para a construção do processo educativo.

A implementação do recurso ocorreu de forma processual, com fases iniciais de experimentação e observação, acompanhadas por ajustes semanais no conteúdo da caixa, de modo a atender às demandas emergentes e às singularidades do estudante. A manutenção do recurso no cotidiano escolar, especialmente em função da necessidade de rotina associada ao

TEA, mostrou-se fundamental para a observação das mudanças comportamentais e para a redução gradual das esquivas frente às atividades propostas.

Por fim, Bossa (2000), ao abordar as dificuldades de aprendizagem sob a perspectiva psicopedagógica, destaca que o lúdico e o concreto desempenham papel essencial na organização das funções executivas, frequentemente comprometidas em quadros de TDAH. Assim, a caixa pedagógica ultrapassa a condição de objeto pedagógico, configurando-se como um dispositivo de cidadania que assegura ao estudante o direito de aprender e de pertencer ao coletivo escolar de forma digna e significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da caixa pedagógica revela-se como uma estratégia essencial para a mediação do comportamento e do aprendizado do estudante público da educação especial. Ao transformar o ambiente de sala de aula em um espaço previsível, o recurso está sendo utilizado para mitigar as crises de esquiva que frequentemente interrompem o fluxo educacional da criança. A transição de um estado de esquiva para um de segurança emocional permitirá que o estudante retome o foco gradativamente nas atividades adaptadas.

A eficácia desse recurso reside na integração colaborativa entre a professora da educação especial, o professor regente e o PAE. Essa articulação garante que as intervenções não sejam isoladas, mas sim parte de um plano contínuo que respeita a singularidade do sujeito. O processo de observação e ajuste constante do conteúdo da caixa assegura que o interesse da criança seja instigado cotidianamente, transformando a curiosidade em possível engajamento direcionado e produtivo, visando a construção de um repertório comportamental mais funcional, onde o estudante volte a se dirigir às atividades oferecidas em sala comum.

A utilização de recursos concretos e lúdicos, armazenados dentro da caixa, atua diretamente na organização das funções executivas, frequentemente impactadas em quadros de desatenção e hiperatividade. Ao oferecer materiais que dialogam com o repertório pessoal do estudante, a escola cria uma ponte entre o desejo individual e as necessidades acadêmicas. Esse movimento de superação das barreiras de exclusão é o que consolida a verdadeira acessibilidade curricular no cotidiano.

A caixa pedagógica não apenas reduz comportamentos de esquiva do estudante, mas promove a cidadania ao garantir o direito fundamental de pertencer ao coletivo escolar com dignidade. A experiência demonstra que, ao adaptar a estrutura pedagógica às necessidades do sujeito, é possível converter gatilhos de estresse em oportunidades de aprendizado significativo. A continuidade dessa prática promete uma evolução sustentável no desenvolvimento integral e na autonomia do estudante, apontando que a diferenciação pedagógica é o caminho mais viável para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BOSSA, Nadia Aparecida. **Dificuldades de aprendizagem: o que são e como tratá-las**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão:** psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GOMES, Camila Graciella Santos; SILVEIRA, Almir Donadelli. **Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo:** manual para intervenção comportamental estruturada. Curitiba: Appris, 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MAIA, Luciana S. **Estratégias pedagógicas para o aluno com TDAH.** São Paulo: Cortez, 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.